

TRIBUNA DE COIMBRA

Busca de Deus

TAMBÉM nós, à volta da mesa da Palavra de Deus, meditámos neste breve inciso da boca dos primeiros discípulos de Jesus: «Todos Te procuram». Era o Evangelho de ontem, quarto Domingo do Tempo Comum.

A busca de Deus e do seu sentido acompanham o ser humano desde sempre. Ele vive em tensão permanente com essa questão fundamental. Pode, de quando em vez, ignorá-la, suspendê-la ou contorná-la; nunca a pode iludir. Mais tarde ou mais cedo, no alvorecer, ao meio dia ou no dealbar da sua vida, o confronto será inevitável.

A convivência com a dor e o sofrimento agudiza a questão de Deus. O trecho do Evangelho a que nos reportamos a contextualiza de forma surpreendente: «Ao cair da tarde, já depois do sol-posto, trouxeram-lhe todos os doentes e possessos e a cidade inteira ficou reunida diante da porta...»

É grande o envolvimento, maior a expectativa. Parecem fracassadas todas as hipóteses de saída. O homem revolve-

-se nas suas questões sem fim. Tão bem as expressara já a literatura sapiencial do tão «sofrido» Job: «os meus dias passam mais velozes que uma lançadeira de tear e desvanecem-se sem esperança...», minha vida não passa de um sopro». No entanto, a consciência da própria finitude constitui um grande momento no caminho da verdadeira maturidade e alcançamos o horizonte de Deus. «Ao cair da tarde, já depois do sol-posto...», muito longe de se interpretarem como momentos de depressão ou desânimo suicida, são bem ao contrário, arquétipos do envolvimento confiante e amoroso com Deus que tudo pode, mas que nada realiza sem que o homem o consinta no seu próprio bem. São os grandes pressupostos para que o milagre se realize.

Não o entendiam as multidões, ávidas como estavam de sinais espectaculares e retumbantes. Jesus mostra como tudo nasce a partir de dentro, antecipando-se às «manifestações do meio-dia». Jesus conhece bem o silêncio da madrugada e os silêncios dos homens: «de manhã muito cedo levantou-se e saíu...» Antevendo a labuta do dia dirige-se ao Pai, fonte suprema do Seu ser e de suas realizações em favor dos homens. Nesta direcção que Lhe vemos já não somos nós que o procuramos, mas é, antes, Ele que nos procura a nós.

Que faltava às multidões? Que por Ele se dei-

Continua na página 4



Fundamentos da vida da Casa do Gaiato: casa-Mãe, Cruz e Palavra de Deus.

O «Grilo»

HÁ muitos anos, talvez uma dezena deles, que não o víamos. E, afinal, ele anda por aí, pelas ruas deste Porto — de dia cheias de gente, o que não facilita o encontro; à noite também nada fácil porque nós não andamos por lá.

Pois encontrou-o o Lando uma noite da semana passada em que descarregava mercadoria numa casa comercial da *Baixa* — e logo o motivou para que me procurasse. Dia seguinte, estávamos no fim do almoço quando ele bateu à porta. Reconheci-o, mas não fui capaz de lembrar o seu nome. O adolescente de catorze ou quinze anos que então nos deixou, é agora um homem de vinte e quatro, de boa estatura, barba cerrada e os mesmos olhos de inocência que decerto ajudavam à simpatia geral que tinha

da comunidade. Lembrei-me de uma das suas fugas e do regresso em dia de festa (julgo que terá sido o Natal de 1991...) Acabados de entrar no refeitório, aparece o «Grilo», timidamente como é o seu natural; e imediatamente a festa irrompeu em alegria inesperada expressa no aplauso dos rapazes.

Este «Grilo» (porque tal *apelido* existiu mais vezes em várias Casas do Gaiato!) veio de Ul, já demasiado crescidote e com um currículo notável. Fruto de uma família sem rei-nem-roque, que haveria ele de ser...?

Movimentaram-se recomendações da terra e pedidos formalizados pela Segurança Social e Tribunal de Oliveira de Azeméis, aos quais resisti pela idade e hábitos do rapaz que não auguravam a sua adaptação; mas acabei por ceder. Na verdade tudo o que se parecia com ordem era uma dificuldade para ele e daí as suas frequentes fugas no princípio. Mas isso são aventuras

Continua na página 4

MALANJE

Cantinho dos rapazes

UM dia, aflito e com pena pelas dificuldades dum nosso rapaz desempregado e já com mulher e um filho, fui a um amigo pedir para ele emprego. Que sim, pode trabalhar já amanhã... Porém, e de chofre, ele me pergunta: «O rapaz tem o hábito do roubo?» Fiquei triste e tive que confessar que sim. «Então, não. A minha porta fica aberta para os seus rapazes — mas com a condição...»

Certo.

Pela rua de Cedofeita, alheio ao movimento, fui meditando, com máguia, na grande verdade: se rouba, não pode.

Quando lerdes o *Cantinho dos Rapazes* do nosso Pai Américo, meditei bem na sua atitude quando fazia os tribunais dos ladrões.

Há tempos, um de vós: «não roubei, isto é nosso, eu só tirei». Tive que explicar que tudo pertence a todos e quando tiramos prejudicamos os irmãos. É a doutrina: não roubar nem causar dano.

Termino este Cantinho com as palavras de Pai Américo sobre o Zé Maria, que por roubar foi parar à cadeia: «Em lugar de portas abertas, terá paredes sem elas. Paredes altas, escuras, frias e vigiadas. Não mais pode escolher; não tem opinião. Perdeu todos os seus direitos. Morreu!»

Padre Telmo

MOMENTOS

Oração

É prática quotidiana rezarmos uma parte do Rosário, antes do jantar.

Se é Domingo ou dia santo fazemo-lo na Capela; nos dias normais a Comunidade divide-se ao meio, por mesas, e a oração é feita na sala de jantar.

O eco alternado do coro dos rapazes, a rezar, entrava-me na alma florindo sentimentos sublimes. Dois coros com sessenta vozes cada. Vozes de homem, vozes de criança no mesmo tom.

A sua capacidade é de acordo com o desenvolvimento da inteligência e da maturidade. Por nós, não somos capa-

zes de avaliar. Uns distraem-se, outros calam-se e, ainda, alguns dormitam, mas a maior parte aguenta o volume encantador da oração, e... todos embarcam no mesmo ambiente.

É o momento privilegiado em que nos imaginamos sentados ao colo da Mãe do Céu e Lhe fazemos meiguices enrolando-lhe os cabelos com os dedos, à maneira de crianças, dizendo-Lhe o que vai de mais belo em nossos corações: — Avé-Maria, cheia de graça, a mais bela entre todas as mulheres!..., etc.

Foi num dia normal. O chefe presidia e, no fim, saiu-se com esta prece: — Rezemos pela paz no mundo.

O tema da paz e da guerra é hoje o assunto mais vivenciado.

Estremeci, por dentro, com a intenção do Vítor. Concentrando-me, reflecti nas premissas da súplica e, no fim, não deixei de as explicar aos rapazes.

Eles sabem muito bem que as guerras fazem sofrer, em primeiro lugar e sempre, os mais indefesos: — os pobres, as crianças, os velhos e os doentes. É bom que nos unamos todos, nós os mais fracos, e, peçamos a Nossa Senhora a Sua intercessão por uma causa tão ao Seu gosto de Mãe.

Mas que façamos do desejo da paz uma paixão pessoal. Isto é, não peçamos a paz para os outros quando nós vivemos em guerra interior.

A paz resulta sempre da Verdade e da Justiça.

O nosso Deus não é um mito nem um feiticeiro. É uma Pessoa que conhece todos os nossos sentimentos, os nossos desejos e paixões.

Para Lhe pedirmos a paz, por forma que Ele oiça e no-la conceda, é preciso que cada um procure, ansiosamente, dentro de si, quanto for possível, a paz

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

CONTAS 2002 — Recebemos dos Leitores d'O GAIATO 17.310 euros mais 1.770 de receita diversa.

Distribuímos 25.450 ditos, para auxílio domiciliário, na doença, etc.

Regularmente visitámos quinze famílias. Além de um grupo de doentes. Entregámos duas habitações construídas em regime de autoconstrução. E reparámos sete delas.

Tem sido um trabalho duro, mas rico de satisfação sobrenatural.

PARTILHA — Recebemos carta da assinante 9790, de Perosinho (Vila Nova de Gaia), «pequenina ajuda de 60 euros para os vossos Pobres que tão ameaçados estão com a Paz em todo o mundo. O coração de todos vós se encha de perdão, carinho, caridade, tolerância e reconciliação. E, deste modo, possa surgir o bom entendimento por que todos, como irmãos, ansiamos».

Um cheque de duzentos euros, «pequenina ajuda para os vossos Pobres. Que Deus — pelos vossos Leitores — continue a ajudar a vossa acção». Retribuímos com a amizade do costume.

Do Luso, vinte e cinco euros do assinante 53241, «para satisfação da nossa contribuição relativa ao mês de Janeiro, 25 euros, valor ao qual farão a aplicação que tiverem de dar em função das necessidades assistidas pela Conferência».

Temos agora versos da assinante 24851, de Algés: «Nem só de abrolhos e pedras / É feito o chão que pisamos... / Que bom ouvir do poeta: É pelo sonho que vamos...»

Cinquenta euros da assinante 26202, de Portalegre. Duzentos ditos da assinante 34220, de Lavadores.

Júlio Mendes

MIRANDA DO CORVO

EXCURSÕES — Recebemos uma em 4 de Fevereiro. Ofereceram um pequeno objecto, com um grande gesto simbólico, a cada rapaz. Ficámos satisfeitos e felizes com esta visita. Outra, era para nos visitar no sábado, dia 8, mas algo de inesperado aconteceu e não puderam vir. Esperamos que surja outra oportunidade para que nos visitem.

RAPAZES — Dois dos nossos rapazes foram embora. O Carlos e o Bruno.

O Bruno, depois de ir passar as férias de Natal com a sua família veio com ideias novas. Os familiares telefonaram

várias vezes, sempre para falar com o Bruno, não com o irmão mais novo, o Hermínio. Porque será? Será por o Bruno ter idade para trabalhar? Talvez. Mas não tem o nono ano. Esperamos que o nosso rapaz se safe bem.

O Carlos, é um moço com muitas dificuldades. Na escola era mau aluno, tentou-se o currículo alternativo, mas era a mesma coisa. Deixou de ir à escola e passou a estar ocupado em Casa. Começou a fugir, e, a última vez, esteve um mês fora. Voltou, mas não foi por muito tempo. A semana passada foi ter com o nosso Padre João e disse: — *Senhor Padre, vou-me embora, quero os meus documentos.* Foi viver com uma tia. Mas um rapaz que não tem capacidade para se arrumar e se arranjar não lá ficará muito tempo. E depois, para onde irá?

OBRAS — A parte central da casa que está em obras, está quase pronta. Começaram a colocar os azulejos e, se Deus quiser, daqui por umas semanas já poderá ser habitada e visitada. Na piscina, depois de se arrancar o jardim, começaram a demolição do bordo para o seu alargamento. Esperamos que esteja tudo pronto em breve.

PADRE TELMO — Esteve connosco e aproveitou para nos falar das Casas do Gaiato de África, da fome e da falta de saúde. Falou-nos também das aulas. Surpreendeu-nos porque lá, na Casa do Gaiato de Malanje, está pior do que pensávamos.

Adriano

SETÚBAL

GALINHEIRO — As nossas galinhas, nos últimos meses, estavam a desenvolver-se bem, só que o impensável aconteceu: na madrugada de segunda-feira, veio um rapaz avisar a senhora que as galinhas tinham morrido todas. A senhora não acreditou, mas era verdade. Fora um cão vadio que as matara.

OBRAS — Já estamos em fase de acabamento dos quartos. Os carpinteiros estão a colocar os rodapés e a envernizar janelas e portas. Os trolhas estão a acabar as casas-de-banho e a fazer os retoques finais.

VISITAS — Há dias, recebemos a visita do nosso Padre José Maria, que veio com um rapaz da Casa do Gaiato de Moçambique: o João Paulo. Tivemos o prazer de os receber com muito carinho em nossa Casa. Ele contou-nos o que tem sofrido nestes dias com a sua falta de saúde, vindo, apesar disso, com boa disposição.

CAMPO — A aveia e a cevada têm-se desenvolvido pouco pelas fracas condições

climáticas. O nosso gado precisa de comer, por isso temos de encontrar alimento para ele.

Júlio Inocêncio Costa

TOJAL

OBRAS — Foi inaugurado o parque infantil para os nossos «Batatinhas». Eles estão entusiasmados com as novas tarefas escolares para realizar, do mesmo modo com as brincadeiras e novas estruturas de diversão.

NOVAS CARAS — Vieram de África dois rapazes, juntamente com o nosso Padre José Maria, da Casa do Gaiato de Maputo (Moçambique), cujos nomes são: Emanuel e João Paulo. Por serem grandes amigos, o João Paulo veio acompanhar o Emanuel que vem para tratamentos médicos. O João Paulo, em breve, regressa.

Chegou também o Tiago, mas este para ficar. Esperamos que ele se adapte ao nosso ambiente.

POMARES — Devido a problemas com algumas laranjas os nossos rapazes deitaram-nas abaixo com picaretas e enxadas. Foi difícil!

AULAS — Péssimas notas dos estudantes. Como o nosso Padre Cristóvão diz, os meninos só querem passear os livros. De seguida, as prendas dadas no Natal, pelo nosso Padre Cristóvão, são para renovar na Páscoa: tarefas como castigo para todos os que apresentarem negativas. Espera-se que hajam menos penalidades.

VISITAS — Têm estado connosco vários grupos de escuteiros com muita animação e alegria. Esperamos que nos visitem mais vezes.

Abílio Pequeno

PAÇO DE SOUSA

VISITAS DE ESCOLAS — Têm vindo poucas, esperamos que venham mais para convivermos.

ESCOLA — Começam a aparecer os primeiros testes do segundo período. Espero que todos passem com boas notas.

OBRAS — Andámos a consertar os telhados das casas da nossa Aldeia, e a podar as árvores para ficar mais linda.

PADRES DA RUA — Tiveram uma reunião em nossa Casa. Foi bom tê-los juntos.

VACARIA — Uma vaca deu à luz e já cá canta mais um vitelo. É mesmo bonito...
Rolando Polónia e «Eusébio»

MOÇAMBIQUE

FIM DO ANO LECTIVO — Mais um ano lectivo que chega ao fim! Alguns rapazes festejam o fruto do seu esforço. Outros, andam em «mares» de lágrimas! Alegria para uns, tristeza para outros; mas esta é a realidade das Casas do Gaiato.

Este ano, reprovaram mais do que nos anos anteriores, mas os que frequentaram classes com exames, mais uma vez, tiveram a maior classificação. Parabéns a todos!

Paulo

FÉRIAS — Depois de um ano bem preenchido, os rapazes com aproveitamento escolar e bom comportamento, foram até à praia do Bilene. Praia bem arejada e de grande beleza natural! O primeiro grupo, esteve três semanas na companhia das «tias» Cármen, Margarida e Milica; o segundo, só

DESPORTO — Não tem sido fácil, arranjar jogos para as camadas mais jovens. No entanto, aparece sempre uma luz no fundo do túnel, que nos indica o melhor caminho para o clube certo com quem se possa confraternizar, e ao mesmo tempo, ocupar os tempos livres, aos sábados de tarde e aos domingos.

É essa a nossa verdadeira finalidade. Tem sido assim ao longo de todos estes anos. Mesmo quando não há jogos, os treinos, são precisamente para isso mesmo, e fazemos questão (...) que todos apareçam!... Não encarámos esta opção como sendo ponto principal, a preparação do futebol, propriamente dito, mas sim, o da preparação física... A nossa Aldeia é grande, bela e saudável para a respectiva actividade.

Apesar de tudo não nos revemos no Desporto de competição, pelo menos, não devemos! Muito embora, dentro das quatro linhas, procurámos nunca deixar que o adversário pratiquem o melhor futebol do que nós, mas... às vezes isso acontece! Gostámos de praticar o Desporto tal como ele é e com o necessário desportivismo.

Os Seniores receberam o Grupo Desportivo do «Café Garoto», aqui de Paço de Sousa. Os visitantes começaram por marcar primeiro e estiveram a ganhar por duas vezes. No entanto, com paciência e espírito de sacrifício, acabou por vir ao de cima a supremacia dos donos da casa. Todos derem, como é óbvio, o seu melhor, mas é bom salientar nomes como por exemplo: Luís Ângelo que na defesa, continua a ser um verdadeiro incómodo para o adversário e, como grande lutador que é, marcou um belíssimo golo. «Tainha», depois de tanto ter trabalhado, bom!, dispensa comentários ao jogo que fez e ao grande golo que marcou. Não foi por acaso que pediu para sair, completamente exausto. Também é justo

esteve duas! O terceiro foi para a praia com as «tias» Aláides e Raquel.

Casimiro Manhisse

CHUVA — A falta de chuva faz com que muitas famílias da nossa comunidade percam as suas sementeiras. O milho, este ano, ainda não tem espigas! As chuvas estão a chegar e vamos esperar para ver se a nossa lagoa enche. Se encher, vamos ter água para 2003.

O nosso campo está lindo; verde devido à chuva. Se continuarmos a ter alimento para os animais e estamos preparados para as queimadas.

A FOME — Este tema está presente todos os dias no telejornal de Moçambique. A produção agrícola depende das chuvas e apesar delas já terem caído dias consecutivos, não foi o suficiente, porque logo a seguir vem o calor e queima tudo. O milho desenvolveu-se com a chuva, mas o calor veio,

salientar o comportamento do «Bolinhas» que se estreou nos Seniores e a exemplo do irmão, fez o gosto ao pé, marcando assim, o quinto dos seis golos da nossa equipa, contra os quatro do adversário. «Bolinhas» tem palmo e meio..., é refilão, mas meigo, e, depois de ser chamado à razão, é compreensível. É bastante aplicado dentro das quatro linhas e nunca inventa desculpa para faltar ao treino. Espero que se aplique assim nos estudos, para um dia mais tarde ter a recompensa. O tempo voa!...

Para finalizar, o «Pião» e o «Turbinas», dois «mouros» de trabalho, não viraram a cara à luta do princípio ao fim do desafio, apesar deste último ter desperdiçado oportunidades de golo feito, algumas delas, por egoísmo.

Alberto («Resende»)

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Atravessamos um período muito difícil. Estamos preocupados. Há imensas famílias desempregadas e receamos que a situação venha a piorar. As famílias a que assistimos, queixam-se de que a sua sobrevivência tem sido uma luta dura, porque nunca conseguiram melhorar e ao longo dos anos a sua situação vem piorando uma vez que a idade também os vai debilitando.

A nossa preocupação maior são os mais velhos, que vivem com uma reforma pequena e saúde precária. Sentem-se lesados com a Assistência Médica e Social que temos; e o apoio familiar é nulo, sentem-se sozinhos — enfim, vivemos numa sociedade materialista!...

Nas visitas tentamos confortá-los e dar-lhes apoio, mas

de seguida, e fez com que secasse.

Carlos

ENCONTRO — Fizemos o nosso na casa do Bilene, no dia 11 de Janeiro. Quando lá chegámos, arrumámos as coisas que levámos para o jantar e começámos por uma reflexão sobre o silêncio e o barulho. É importante para nós, seres humanos, que na nossa vida existam momentos de pausa para nos encontrarmos com o eu interior.

De seguida, iniciámos a reunião onde os temas foram: eleição do chefe maior, distribuição dos chefes pelas casas, análise do modo de vida da Casa, com sugestões de todos a fim de a melhorar, e a distribuição dos rapazes pelos diversos sectores.

Estivemos reunidos o dia inteiro, mas não foi suficiente para encontrar solução para os problemas que levámos. Assim sendo, continuamos a preparar o ano de 2003 em Casa!

Alberto

não basta e não temos força para mudar a sociedade em que estamos inseridos.

Temos casais com filhos a viver com muitas dificuldades, mas os vicentinos que os acompanham estão atentos, para que as crianças não faltem à escola e para que os pais acompanhem os filhos.

Na última reunião um dos casais mostrou-se preocupado com a situação de uma família a que assiste. A mãe é um pouco desequilibrada, as crianças estão no Infantário da freguesia, a quem a Conferência paga, porque, aí, sabemos que comem e que são acompanhadas, mas o mais grave é à noite, por muitos e bons conselhos que os vicentinos lhe dêem, ela é uma mulher revoltada, não é humilde nas palavras que diz, muitas vezes tem problemas com os vizinhos e cria mau ambiente.

Tivemos a triste notícia que uma das nossas velhinhas faleceu, mas queremos aqui louvar a filha mais nova, que largou o seu emprego para tomar conta da mãe, gente pobre, mas rica de coração. Agora, espera arranjar trabalho para continuar a sua vida. Com a prova de amor demonstrada, julgamos que não levará muito tempo a conseguir novo emprego.

Tomamos a nosso cargo mais uma velhinha, muito doente, mal consegue andar, está a maior parte do tempo na cama, usa fraldas. Pediu-nos roupa de cama. Arranjámos lençóis e cobertores. As vizinhas é que tomam conta dela, bem-haja esta fraternidade.

Queremos apelar aos nossos Amigos que a Conferência de S. Francisco de Assis está viva, mas precisamos da vossa participação para podermos continuar a visitar os Pobres, levando-lhes algo mais do que palavras de conforto. Sabemos que há crise, mas também sabemos que eles precisam de todos nós.

Bem-haja a todos.

Casal Félix

Património dos Pobres

A rubrica do Património mexeu com algumas consciências. É bem preciso inquietar os corações.

Falo assim não só porque muitos se instalam numa doce tranquilidade de viver a sua fé sem obras ou com muito poucas relativamente aos dons que Deus lhes deu, mas também porque os que começaram a fazer a sua casinha, há dois ou três anos, se vêm agora em palpos de aranha, para a acabarem.

Tudo quanto chega, sai. Ontem, dei quinhentos euros para comprometer o resto de uns acabamentos que a vistoria exige para dar autorização que uma família de quatro filhos pequenos se transferisse do ambiente muito apertado para a sua casa nova.

Eram precisos mil e quinhentos euros, mas só dei a terça parte pedindo que a família da colaborasse também.

— A minha família já me ajudou — responderam.

— Então, que socorram mais. Nós também somos pobres e não podemos.

É uma casa linda, airosa, bem disposta ao sol, geminada com outra da sua irmã.

Fica-se contente ao observar este magnífico arrojo de gente pobre e trabalhadora.

À primeira vista, pareceu-me não dever ajudar; mas, depois de observar

aquela mãe esgotada com quatro filhos pequeninos a viver num casinhoto apertado, coberto de fibrocimento abriu-se-me o coração: — Pode contar com quinhentos euros.

Eles vieram hoje, em carta de um doente amigo endossando a sua dádiva para o pagamento dos dez mil em dívida às quatro de Guilhufe.

«Crei-a que, quando diariamente agradeço a Deus tudo o que me tem dado, não esquecendo o conforto da minha casa e do meu quarto, lembro sempre e, por eles rezo, os que não têm casa onde se abrigar ou vivem em tais condições que propriamente habitação, não se pode chamar.»

Em 5 deste mês, da Alemanha, a assinante 17588, enviava-me um cartão com os seguintes dizeres:

«Junto envio um cheque, de quinhentos euros, em resposta ao seu artigo do jornal O GAIATO de 11 de Janeiro, só ontem recebido.

Vivo apenas da minha reforma, mas não tenho filhos; levo, com o meu marido, uma vida modesta, não compro supérfluos, não faço longas viagens e não me interessa muito ameaçar dinheiro nos bancos. Acho mais importante responder ao seu apelo: — “Quando te aqueceres no conforto da tua lareira, no teu lar e te sentares à mesa com os teus, põe a mão na tua consciência e ouve a voz dos Pobres.”

Continue a escrever e a tocar os corações das pessoas de boa vontade.»

E segue com expressões de muita amizade e exortação.

«Levo com o meu marido uma vida modesta!...» Ah, se os casais cristãos utilizassem este modo coerente de viver!... «Não compro supérfluos, não faço longas viagens, não me interessa amealhar dinheiro nos bancos. Acho mais importante responder ao apelo dos Pobres.»

Têm pingado algumas esmolas vindas de várias terras: — aos 25, aos 50, aos 75 e até 100 euros.

Estou confiante que poderei aliviar e estimular quem se aventura, com enorme sacrifícios a construir a sua casa, ou até quem não tendo capacidade, sofre da incrível necessidade dela.

Padre Acílio

Ser poeta

É ser livre
Encontrar um outro rumo
De mudar o mundo
Sem pegar na arma que mata e destrói.

Ser poeta
É sentir a solidão dentro de nós
A dor na pele
Viver a tristeza
Para não cair no mesmo erro.

Ser poeta
É tornar-se soldado
Passar obstáculos e vencer
É matar o inimigo
Sem derramar sequer uma gota de sangue.

Ser poeta
É contribuir para um mundo melhor
É levar a vida cheia de imaginação
É voar para o alto sem medo de cair.

Ser poeta
É ser estrela que ilumina na escuridão
Da plena tempestade em vão
É despertar os corações adormecidos.

Ser poeta,
É ter outra forma de olhar o cristal
Outra forma de contemplar o mundo
Outro modo de comunicar.

Abílio Pequeno

Oração

Continuação da página 1

de consciência, a qual resulta do cumprimento do dever, da resposta às solicitações dos nossos irmãos, de uma pureza de coração cheio de boas obras e dos melhores sentimentos. Só assim vale rezar.

Só um coração em paz, pode pedir a paz. É, de certeza, dom que Deus não regateia e Lhe agrada conceder-nos.

Quanta oração vã feita de balde, por esse mundo!...

Rezar o Terço, explicava eu aos rapazes, nunca pode ser a récita de uma lengalenga. Rezar é sempre comprometermo-nos a pôr a nossa vida de acordo com o plano de Deus a respeito de cada um.

Não foi sem razão que, em Fátima, a Virgem pediu, em primeiro lugar, a penitência e, só depois..., a oração. É que esta sem aquela, nunca resulta.

Padre Acílio

Correspondência dos Leitores

«Recebi, da Editorial da Casa do Gaiato, o segundo volume do livro 'Calvário' o que agradeço vivamente. As vossas palavras, as palavras de Pai Américo são na realidade a Palavra. Muito obrigada por, ao vosso jeito, a fazem chegar até mim. Julgo-me um terreno preparado para a compreender, e a muitas situações que a sua pena tão bem descreve e o seu coração tão vivamente sente, porquanto Deus pôs à minha guarda um filho deficiente (Síndrome de Down) e uma doença de Alzheimer em meu marido. Só que eu tenho obtido a graça de os poder acompanhar como eles merecem e precisam.

Assinante 25738»

«Quase corei de vergonha com a carta publicada, tal e qual foi escrita. Vou guardá-la e até devia emoldurá-la, tal a lição que encerra! Quando eu retiro um pouco da minha reforma para enviar a uma I.P.S.S. da minha Cidade ou do meu País, estou a retirar do que me sobeja e não do que me faz falta. Penso em mim, nos meus pais muito velhos e necessitados também, nos meus

filhos e nos meus quase nove netos e só depois nos outros. Onde está a minha generosidade, que não dói? Pois esta senhora sacrifica-se até onde dói mesmo! Apesar de se dizer que a direita não deve dar de modo que a esquerda veja, neste caso eu concordo plenamente, e até sem ser a coberto do anonimato, que a esquerda veja e abra bem os olhos para o que a direita dá. Que o Senhor abençoe esta família e a todos vós que vos dais por inteiro aos mais necessitados.

Um leitor»

«Muito mais do que qualquer um de nós possa contribuir em dinheiro, é a vossa dedicação e fidelidade a um projecto como a Casa do Gaiato. O exemplo de Pai Américo, já no Céu com todos os Santos — junto do Senhor — é coragem para nós. Conhecer esta Obra através d'O GAIATO é um privilégio. É a excepção de «comunicação social» — como se diz nos jornais. O GAIATO é comunicação de corações. É partilha de vida verdadeira. É dar-nos a conhecer de uma maneira nua, o que o homem tem de mais

semelhante com Deus. A nudez de Jesus na Cruz, e a divindade do Seu amor, está bem patente nas vossas Casas. Obrigado por serem assim! Contem com a minha oração e peço que incluam na vossa, todos os meus filhos. Saiba eu ensinar-lhes valores tão cristãos como o fazem aos vossos rapazes. Bem-haja.

Assinante 72794»

«Quero aproveitar esta oportunidade para comunicar a todos os Padres da Obra da Rua a nossa inabalável confiança em quem aí trabalha tão sacrificada e abnegadamente a favor das crianças e adolescentes abandonados. Erguemos ao Senhor as nossas orações para que Ele vos dê muita Força e Coragem para continuar tão espinhosa missão.

Assinante 14081»

«Serve a oportunidade para exprimirmos, a todos os que se dedicam a essa maravilhosa Obra, a nossa inteira confiança e admiração; não temos dúvidas sobre a justiça do trabalho realizado 'para os Rapazes

e pelos Rapazes', segundo o testemunho que à Obra legou o inesquecível Pai Américo.

Assinante 58007»

«Desejo-vos muita coragem para vencer todas as guerras que se sentem neste País tão pobre e tão rico em destruir quem por amor faz muita coisa.

Assinante 67815»

«As vossas Casas não são 'instituições'; são Casas de família onde todos são irmãos e cujo pai é o Pai do Céu. Sem vacilar vos dou todo o meu apoio e vos agradeço pelo vosso trabalho para o qual sempre peço a Deus que vos ajude.

Assinante 17007»

«Aproveito para manifestar a minha admiração pela Obra da Rua. Não desanimem! Continuem a desinstalar as consciências adormecidas.

Assinante 50970»

«Quero manifestar a minha solidariedade, admiração e estima por todos os que trabalham e devotadamente se sacrificam na Obra da Rua.

Assinante 6798»

DOCTRINA

Eu acredito na Comunicação dos Santos



TEVE lugar no dia 26 do mês de Novembro do ano em que estamos (1944) e no Coliseu do Porto, o primeiro passo da via-sacra que este Inverno tenciono fazer. Nas duas sessões do dia, mais de cinco mil tripeiros ouviram falar da nossa Aldeia e declararam-se obreiros dela, cada um segundo as suas poses. Parece estranho, à primeira vista, que um sacerdote entre em casas de espectáculos quando a disciplina eclesíastica é expressamente severa a tal respeito; parece, sim. Mas eu desejo esclarecer.

A Obra da Rua é cem por cento uma Obra da Igreja. Se não mostra no rosto a clássica legenda «com aprovação eclesíastica», isso nada quer dizer. O espírito é que vivifica; a letra não conta. O Senhor Bispo do Porto sabe tudo quanto eu faço, aonde e como; sabe-o por mim mesmo. Alguma coisa que tem sabido por outros (e tem sabido) são fraquezas dos homens. Ai da Obra da Rua se não fosse da Igreja! Ai de mim se eu não fosse da Igreja! Que podia eu sem Ela? E que não posso eu com Ela? Mesmo que eu fosse sequestrado, reduzido a silêncio, posto a tormentos — todo o mal que o homem pode e sabe fazer — que importa? Sendo da Igreja não estou nunca sozinho. Eu acredito na Comunicação dos Santos! Com homens desta força ninguém pode nada; nem os bons nem os maus. O mais acertado é deixá-los passar.

MAS vamos ao que se passou no Coliseu: Muita gente. Todas as facilidades por parte do pessoal menor. Muito interesse em ouvir o recado. Muito desejo em dizer que sim. Na primeira sessão, sete contos e quê. Eram pobres. Na segunda sessão, seis ditos e quê. Eram ricos. Vi gente conhecida de outros peditórios. Um deles apareceu o ano passado em todas as igrejas, todas. Aparecia igualmente dentro da saca um rolo de notas de cem. Pois dia 26, na minha saca, apareceu um rolo de notas de cem! Estou a ver que temos mais rolos nos mais palcos onde tiver de ir. Ele é e chama-se Leão. Quando ouvires anunciar a segunda palestra que será, talvez, no Teatro S. João, apita que eu também apito.

P. Américo

(Do livro Pão dos Pobres — 4.º vol.)

BENGUELA

Parte do investimento vai para a Saúde

HOJE é Domingo. Escutámos a Palavra na celebração da Eucaristia. Assim fazemos todos os Domingos.

Um dos nomes mais bonitos que deram a Jesus foi o de médico. Foi, na verdade, médico divino que curava o homem todo. O Evangelho diz, em certo momento: «Ao cair da tarde, já depois do sol-posto, trouxeram-lhe todos os doentes... Jesus curou muitas pessoas...»

Os doentes existem em todas as partes do mundo e buscam a cura dos seus males. A medicina deu passos gigantes, bem o sabemos. Contudo, ainda não chegou a todas as pessoas. Quero referir-me, neste momento, aos Pobres e miseráveis que não têm papéis nem dinheiro para chegar aos agentes de saúde e comprar, de seguida, os medicamentos receitados. Quem dera todos os doentes fossem atendidos! Quem dera os medicamentos fosse acessíveis, nos seus custos, à maioria da população! Mas, não.

Uma parte importante do nosso investimento vai para o sector da Saúde. Famílias inteiras são tratadas no posto médico ao cuidado das Irmãs do Santíssimo Salvador, em nossa Casa, e os medicamentos ficam ao nosso cuidado. Doutra modo, seria a morte prematura de centenas e milhares de pessoas. As crianças são ao porção mais numerosa e mais frágil. Não fossem os postos de saúde espalhados na periferia da cidade, nas mãos carinhosas de tantas mulheres consagradas, a mortalidade infantil, e não só, atingiria números muito mais assustadores.

A vida e a saúde são dons maravilhosos de Deus, entregues à missão sublime do médico e de todo o pessoal que cuida dos doentes. Levámos, há muito, o sonho de ter rapazes da nossa Casa nos

cursos médios de saúde ou superiores. O estrangulamento no acesso ao Instituto Médio de Saúde tem sido de tal ordem que não foi possível, até agora, a entrada do Cacumba nesse estabelecimento de ensino. O Cacumba é um pequeno, há muitos anos em nossa Casa, que gostava de ser enfermeiro e, quem sabe?, médico se para tanto chegasse a sua capacidade. Oh, quem nos dera!

Todos os estabelecimentos de ensino, em todos os níveis, abrem-nos as portas com rara simpatia. O Instituto Médio de Saúde que, há um tempo para cá, está em vias de reestruturação, tem mantido as suas portas fechadas ao ingresso de qualquer candidato ao primeiro ano do curso médio de enfermagem. Mas, nem o Cacumba nem eu perdemos a esperança. Entretanto, vai ajudando a Irmã enfermeira no nosso consultório.

Os doentes que nos batem à porta são de vária ordem. Queremos ser para todos a mão que segura, a mão que levanta. Naquele tempo, Jesus era para todos a mensagem de salvação, bem manifestada na libertação da doença. E agora? Aqui, no momento presente,

diante da multidão que ocorre à busca da cura para os seus males, não podemos ter resposta diferente. Não têm dinheiro, não têm mais nada senão o tesouro da vida presente nos filhos. Isso nos basta, porque o ouro e a prata, necessários para os medicamentos e outras necessidades de ajuda à cura da doença, estão nas vossas mãos estendidas para as nossas. Confiamos que jamais nos faltará o necessário. Tenho nas minhas mãos uma carta, vinda da Associação Portuguesa dos Amigos de Raoul de Follereau, a dizer que tem à nossa disposição uma quantia em dinheiro para nos ajudar a curar as doenças que mais nos afligem. Vai chegar a hora.

Não sei como estará o menino, ao colo da mãe, vinda do Lobito, para ser tratado num curandeiro do bairro vizinho. Bate-nos à porta a pedir algo de comer. A primeira coisa a fazer era levar a mãe e a criança à pediatria do hospital de Benguela, onde foi vista pelo médico; pedidas as análises; feita a receita de medicamentos, comprados, depois, na farmácia. Com açúcar, leite e fuba, regressou à sua terra com o conselho de continuar o tratamento na pediatria do Lobito. Era muito jovem ainda. O pai da criança deixou-a e foi para Luanda. É um procedimento muito comum. Os hospitais e outros centros de saúde hão-de fazer muito esforço para se tornarem os lugares de confiança e esperança aonde acorram os doentes, em primeiro lugar. Há um trabalho longo, perseverante, a fazer, sobretudo, junto da gente do povo.

Padre Manuel António

Tribuna de Coimbra

Continuação da página 1

xassem encontrar. Que censurou veladamente aos Seus discípulos? A mesma veleidade das multidões: imediatismo, vedetismo, superficialidade. Aliás, o mesmo artifício que, habilmente, os demónios utilizam e por isso não os deixava falar.

Imediatismo, vedetismo, superficialidade, males horríveis que adensam a nossa sociedade numa poeira intoxicante, ocultando-nos, tantas vezes, a frescura matinal das grandes madrugadas que, felizmente, ainda habitam muitos corações de homens e mulheres em todas as latitudes.

Padre João

SETÚBAL

Crianças da rua perdem o sentido da família

REJEITADAS pelos que os trouxeram ao mundo, as crianças da rua, perdem todo o sentido da família. Ligam-se de alma e coração àquilo que a rua lhes oferece e não mais largam esses desvalores.

Recuperá-las para a vida familiar, contribuir para que voltem a ter o sabor de ser parte de uma família, a possuírem a segurança de ter pai e mãe, é tarefa que nos compete.

Ainda recentemente observámos em dois dos nossos rapazes, este mesmo renascimento.

Um veio da rua, com menos de dez anos de idade. Já fumava, roubava e batia em familiares. O outro, com a mesma idade, adquiriu tal agressividade verbal e física, que nem as instituições de acolhimento de crianças o conseguiram aguentar antes de vir para nós.

Vieram pois sem sentimentos familiares, desligados daqueles que lhes deram a humanidade.

O primeiro, habituado à vida de grupo, rapidamente se integrou na nossa Comunidade familiar e dela se fez membro. O segundo, mais habituado ao isolamento, relacionando-se com os outros sempre com violência, teve mais dificuldade em adquirir os hábitos de sociabilidade mais comuns. Foram precisos vários meses para que se atenuassem as suas reacções quase coléricas, e o seu carácter primário tivesse respostas menos brutas.

Pois agora estes nossos rapazes, já começam a interessar-se pelo pai e pela mãe, quando os têm e visitam, e a manifestar sentimentos de humanidade em seu coração de filhos.

Esta, continua a ser a sua casa, mas já readquiriram o sabor e a estabilidade de

se saberem gerados por um pai e por uma mãe, ao menos por um deles!, e de não serem fruto de uma geração espontânea, sem referências nem raízes.

Há dias, estive num serviço público a fazer pagamentos. Uma criança com cerca de quatro anos, não parava. a sua mãe, insistentemente, chamava-a, mas ela só queria fazer o que não devia. O pequeno parque infantil, ali posto para entreter as crianças enquanto os pais tratam seus assuntos, não a cativava minimamente. Por fim, a mãe ao ver que nada conseguia com palavras, colocou-a à força em seu colo e apertou-a em seus braços para a manter quieta. Foi uma luta arrasante: a criança dava-lhe cotoveladas, esgueirando as mãos puxava-lhe os cabelos, as pernas agitavam-se quanto podiam e a boca aju-

O «Grilo»

Continuação da página 1

comuns àqueles que são mesmo da rua e, às vezes, até com significado positivo. Poir era a falta de colaboração nas origens: da família que o aceitava nas suas fugas e das Autoridades comprometidas na sua vinda para nós, que, apesar de informadas, agora não intervêm. E péssima foi a acção do pai, que o viu mais crescido e, se calhar, capaz de contribuir para a sustentação, e o veio buscar quando ele, por si, tinha já conseguido um comportamento estável.

Com a família de sangue era inviável o diálogo. Por isso pedimos providências às Autoridades, Social e Judicial, que tinham tido papel marcante no ingresso do menor na Casa do Gaiato: que o fizessem voltar. Não era precisa muita perspicácia para prever as consequências futuras da inércia naquele presente. Af as temos, hoje, consumadas no homem da rua que o «Grilo» tem sido.

Nós compreendemos o peso do arquivar de um processo. Não esquecemos aquele gesto angustiado de um Juiz apontando a mesa sobre que se acumulavam centenas de processos para estudar e decidir. Compreendemos...! Mas o processo deste rapaz não era de arrumar no esquecimento depois que ele deixou de ser problema nas áreas concelhia e comarcã de Oliveira de Azeméis até que ele assentasse numa vida com normas, o que, infelizmente, não chegou a acontecer.

Felizmente que homem da rua não é sinónimo de malfeitor! As aventuras do «Grilo» nunca foram temperadas pela maldade. E os olhos de criança que ele conserva, inspiram confiança e são um apelo a dar-lhe a mão.

Ele foi à terra (aonde, segundo disse, não vai há muito, nem sabe quem lá tem...) por via de documentos que perdeu.

— Ajudar-te a continuares homem da rua, não disse-lhe. Mas se quiseres ser simplesmente um homem de trabalho e de bem — conta conosco.

Espero que volte com melhores notícias e uma vontade forte que a nós e a ele sirva de apoio e de motor.

Padre Carlos

PENSAMENTO

As dores geram dores. Há obras que se não compreendem sem se haver sofrido muito.

PAI AMÉRICO

dava na luta com palavras pouco meigas.

Ao fim de algum tempo a mãe teve de desistir. Com algumas condições deixou a criança de novo à solta, e acabou mesmo por ficar do lado dela virando-se contra o funcionário cujos serviços eram demorados em demasia, provocando todo aquele nervosismo.

Não sei qual a causa da impaciência, nem como se chega a laços familiares assim. Este não é caso único, é mesmo muito comum nos nossos dias. Penso na falta de comunhão familiar, na desintegração da família, como a causa de todas as rejeições e de perda dos sentimentos de humanidade que atinge os mais novos.

Quando se lhes dá tudo o que não é calor da *lareira* familiar, deixa de se lhes dar o mais fundamental e alicerça das suas vidas. Certo é que, os que foram rejeitados, são semeadores de rejeição. Cuidado pois em não semear ventos que trarão depois tempestades.

Padre Júlio